

EGÉRIA, PEREGRINA DA ESPERANÇA NA VIA DA LITURGIA

Karoline Menezes¹

Resumo

Este trabalho analisa a peregrinação de Egéria, uma cristã do século IV, considerada a primeira escritora latina da tradição cristã. Seu relato, dirigido a um grupo de irmãs, reúne dados históricos, observações sobre a liturgia em Jerusalém e a espiritualidade da peregrinação. O objetivo da pesquisa é compreender a importância de seu testemunho para a liturgia e para a espiritualidade cristã, especialmente no horizonte jubilar contemporâneo. A metodologia utilizada consistiu na análise textual do manuscrito, em diálogo com estudos atuais sobre Egéria e sobre o Jubileu da Esperança. Os resultados apontam para a originalidade do testemunho de uma mulher peregrina, cuja experiência revela práticas litúrgicas da Igreja de Jerusalém e inspira a vivência da esperança cristã como caminho comunitário.

Palavras-chave: Espiritualidade. Jerusalém. Jubileu. Igreja Antiga.

1 INTRODUÇÃO

Egéria, mulher cristã que viveu no século IV, deixou-nos um dos relatos mais importantes sobre a vida cristã de sua época, ao realizar uma peregrinação para a cidade de Jerusalém. Seu escrito, conhecido como *Itinerarium Egeriae* ou *Peregrinatio Aetheriae*, combina observações pessoais, descrições litúrgicas e partilha comunitária. Como mulher, escritora e peregrina, Egéria ocupa um lugar singular na tradição litúrgica e literária, oferecendo uma perspectiva afetiva e pastoral.

A pesquisa busca destacar três aspectos fundamentais de seu testemunho: os dados históricos de sua vida e do manuscrito, as descrições da liturgia em Jerusalém e a espiritualidade da peregrinação, entendida

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco. Mestre e bacharel em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco. Contato: karoline.menezes@unicap.br

como caminho de esperança. Para isso, dialoga-se tanto com o próprio texto de Egéria quanto com a literatura acadêmica recente que analisa sua obra. Em tempo, declara-se que durante a elaboração do texto, foram utilizados recursos de inteligência artificial (Perplexity AI) para apoio na busca e formatação de referências bibliográficas, bem como na revisão estilística do conteúdo. Todas as informações resultantes foram analisadas criticamente e validadas pela autora, que manteve a responsabilidade da redação textual.

2 DADOS HISTÓRICOS E CONTEXTO DA OBRA

Dado o destaque significativo às figuras masculinas, quando comparadas às femininas na produção do conteúdo litúrgico do cristianismo dos primeiros séculos, a figura de Egéria e sua trajetória são cercadas de uma certa curiosidade. Trata-se de uma cristã originária da *Gallaecia* (noroeste da atual Espanha ou Portugal), cuja identidade aparece no prólogo da obra, no qual se dirige a um grupo de irmãs, as “*dominae sorores*”: “Senhoras irmãs, que sempre fostes o meu desejo” (*Itinerarium*, Prólogo)². Seu testemunho escrito se tornou um referencial para a história da espiritualidade cristã e da liturgia. A data de sua peregrinação à Terra Santa está posta entre os anos de 381 e 384: “Santíssimas irmãs, minha alegria, a viagem que há muito desejava, pela graça de Deus realizei” (*Itinerarium*, Prólogo)³.

O detalhe do vocativo utilizado em seu escrito permite situá-la no contexto de comunidades femininas dedicadas à vida cristã, mas não há consenso entre os pesquisadores sobre isso, pois não é possível afirmar com precisão se Egéria era monja, diaconisa ou uma leiga piedosa de posses. A literatura aponta várias possibilidades, cada uma apoiada em indícios textuais e contextuais, mas falta prova documental direta que a identifique

² Tradução nossa a partir de MCCLURE; FELTOE (trad., s.d): “*Dominae sorores, quae semper desiderium meum fuistis*” (*Itinerarium*, Prólogo)

³ Tradução nossa a partir de MCCLURE; FELTOE (trad., s.d): “*Sanctae sorores, gaudium meum, iter quod diu desideraveram, Deo donante implevi*” (*Itinerarium*, Prólogo).

de modo claro como monja de um convento formal. Um dos pontos e evidências úteis para essa hipótese é que o *Itinerarium* é dirigido a “minhas irmãs” e faz menção a práticas ascéticas e comunhão com uma rede feminina, levando alguns leitores a sugerir essa vinculação. Como contra-hipótese, várias propostas alternativas colocam Egéria como mulher leiga de elite, possivelmente consagrada virginalmente ou simplesmente ligada a círculos de mulheres cultas (círculos como o de Marcella/Paula em Roma, por exemplo). Alguns estudos admitem que ela pertenceu a redes de mulheres cristãs eruditas, sem que isso implique prova de pertencer a um mosteiro formal (Jugănaru, 2021).

Para melhor compreendê-la é importante perceber que a peregrinação de Egéria é produto de circunstâncias específicas: política religiosa pós-Constantino, redes eclesiais e condições socioeconômicas. Os principais fatores que explicam como e por que Egéria pôde peregrinar no final do séc. IV são o momento histórico favorável, as redes de contatos e de proteção eclesial, os recursos pessoais, o status social e a precedência de mulheres peregrinas naquele século.

Após as iniciativas imperiais de Constantino (como a construção de basílicas em Jerusalém e a promoção de lugares santos, por exemplo), houve um aumento no fluxo de peregrinos ao Oriente; a infra-estrutura litúrgica e a hospitalidade cristã começaram a se organizar, facilitando deslocamentos de fiéis. A descrição de Egéria mostra que ela encontra comunidades e celebrações estabelecidas (Hunt, 2016). Além do mais, peregrinos, especialmente os que possuíam cartas de apresentação ou vínculos com bispos e comunidades locais, podiam contar com acolhida episcopal, hospedarias, guias e apoio das igrejas locais. O relato de Egéria revela algumas interações com autoridades litúrgicas e com comunidades que acolhiam celebrações públicas mais complexas (Biblical Archaeology Society, 2025). A duração da viagem, a capacidade de se deslocar por mar e por terra através de diferentes províncias e o acesso aos lugares eclesiásticos sugerem que Egéria dispunha de recursos econômicos e de

capital social (patrocínios, redes femininas, conhecidos em centros como Antioquia/Constantinopla). A escolaridade demonstrada na escrita e o tom epistolar corroboram a hipótese de um estatuto social confortável (Osservatore Romano, 2022). Nessa época já havia também precedentes femininos na realização de peregrinações (Helena na geração anterior; figuras femininas ascéticas e patrícias que se deslocavam), mas opiniões masculinas da época variavam: alguns autores encorajavam a peregrinação feminina, outros a desaconselhavam. Estudos recentes colocam Egéria no campo das “mulheres viajantes” que, embora raras, não fossem exceção completa confortável (Osservatore Romano, 2022).

O manuscrito de sua obra, conhecido como *Itinerarium Egeriae* ou *Peregrinatio Aetherae*, foi descoberto apenas em 1884 por Gian Francesco Gamurrini na Biblioteca de Arezzo e tornou-se uma fonte essencial para os estudos litúrgicos e históricos da Igreja antiga (Maraval, 1982). Trata-se de um códice incompleto, mas suficiente para revelar tanto o seu percurso como suas observações litúrgicas em Jerusalém. O texto sobrevive em um único manuscrito substancial, chamado *Codex Aretinus* (Aretinus 405 / Aret. VI 3), que é uma cópia medieval do século XI, feita em Montecassino (comuna italiana da região dos Marche, província de Macerata). O manuscrito contém apenas a parte principal do relato; início e fim estão perdidos e há lacunas. Nesse sentido, é importante assinalar a fragilidade da transmissão: a cópia tardia e a incompletude implicam cautela em leituras muito precisas do original. Houve, posteriormente, identificação de fragmentos adicionais atribuídos à mesma obra (por exemplo, fragmentos carolíngios identificados no sec. XXI), mas a base textual continua a depender principalmente do códice aretinense (Biblical Archaeology Society, 2025). Desde então, Egéria passou a ser considerada, por linguistas e estudiosos em geral, a primeira escritora latina da tradição cristã e cujo trabalho chegou à atualidade, merecendo ser tida como testemunha privilegiada do entrelaçamento entre fé, liturgia e espiritualidade, num cenário majoritariamente masculino.

Também merece espaço um comentário sobre seu estilo literário, caracterizado por simplicidade na escrita e desejo de humildade nas expressões utilizadas, como se percebe quando afirma: “Pois eu sou apenas uma pequena mulher, muito pobre e fraquíssima” (*Itinerarium*, 23,6)⁴. O caráter de seu escrito é epistolar, por meio do qual oferece detalhes minuciosos sobre a peregrinação que realizou. A escrita não parece buscar sofisticação e sim oferecer uma comunicação direta, típica de uma intimidade com as destinatárias, revelando proximidade nos laços afetivos. Ao mesmo tempo, contudo, revela erudição bíblica e teológica, já que o itinerário faz muitas referências a episódios do Antigo e do Novo Testamento, mostrando que sua peregrinação era também uma leitura espiritual dos lugares visitados.

3 O TESTEMUNHO LITÚRGICO DE EGÉRIA

A maior originalidade do trabalho de Egéria está nos relatos litúrgicos: o *Itinerarium* descreve detalhadamente as celebrações da Igreja de Jerusalém no século IV, tornando-se fonte importante para os estudos da Liturgia. Ela registra, por exemplo, o processo catecumenal que se estendia por várias semanas durante a Quaresma⁵, indicando a centralidade da Palavra de Deus no processo de iniciação cristã, em consonância com o que os Padres da Igreja, como Cirilo de Jerusalém, testemunhavam no mesmo período.

Outro elemento destacado é a Liturgia das Horas celebrada na Anástasis (Basílica do Santo Sepulcro). Egéria descreve a solenidade das vigílias noturnas e o uso abundante de luzes: “Todas as lâmpadas e velas são imediatamente acesas, de modo que não apenas a basílica é iluminada, mas todo o átrio” (*Itinerarium*, 24,4)⁶. A riqueza simbólica da luz está,

⁴ Tradução nossa a partir de MCCLURE; FELTOE (trad., s.d): “*Nam et ego homuncio sum et pauperrima et infirmissima*” (*Itinerarium*, 23,6).

⁵ Tradução nossa a partir de MCCLURE; FELTOE (trad., s.d): “*Per octo septimanas catechizantur, addiscentes quotidie scripturas*”, *Itinerarium*, 45,1;

⁶ Tradução nossa a partir de MCCLURE; FELTOE (trad., s.d): “*Statim accenduntur omnes lucernae et cerei, ita ut non solum basilica illuminetur, sed totus atrius*”, *Itinerarium*, 24,4;

portanto, na revelação da dimensão pascal da oração cristã e no testemunho do caráter comunitário e participativo da assembleia.

O tempo quaresmal e a Semana Santa ocupam grande parte do relato também, sendo narradas as procissões com os fiéis, as leituras bíblicas distribuídas pelos lugares santos e a presença constante do bispo. Seu testemunho confirma práticas que depois se consolidaram em toda a tradição da Igreja, como a veneração da cruz na Sexta-feira Santa. Segundo Bragança Júnior (2008), a narrativa de Egéria é a primeira fonte que descreve o desenvolvimento orgânico do Tríduo Pascal em Jerusalém.

Em seus escritos está registrada a vivência da peregrinação como espacialidade sagrada; o território palestino é interpretado como espaço ritualizado, onde o passado bíblico torna-se presente por meio da oração, da contemplação e dos ritos (School of Mary, [s.d.]).

Dessa forma, pode-se perceber que esse relato permite reconstruir aspectos objetivos das celebrações e perceber a dimensão teológica subjacente: a liturgia como experiência de comunhão e memória viva da salvação.

4 PEREGRINAÇÃO, ESPIRITUALIDADE E ESPERANÇA

O Jubileu da Esperança de 2025, anunciado pelo Papa Francisco, retoma uma tradição bimilenar de celebrações jubilares que expressam a dimensão peregrina da fé cristã. Na bula *Spes non confundit*, o papa convidou a Igreja a “abrir a Porta Santa para que todos possam experimentar o amor de Deus que consola e dá esperança” (Francisco, 2024, n. 6). Essa imagem da Igreja em caminho, chamada a viver a esperança no meio das incertezas do mundo, pode encontrar na experiência de Egéria uma figura iluminadora, uma vez que sua viagem aos lugares santos, sustentada pela oração, pela liturgia e pela comunhão eclesial, simboliza o percurso espiritual do povo de Deus rumo à plenitude da vida prometida. Por ter sido uma mulher que caminhou em busca da fé, que testemunhou a liturgia como fonte de vida e que entendeu a peregrinação

como experiência comunitária, seu relato ilumina a condição de todo cristão como peregrino da esperança.

Sua jornada foi, de certo modo, independente, pois não havia ainda normas ou roteiros oficiais de peregrinação, ela mesma construiu o significado do que encontrou (Maraval, 1982). Suas escolhas narrativas têm forte intencionalidade espiritual, à medida que ela transforma lugares em memória litúrgica e pedagogia para suas destinatárias. Esse aspecto mostra que a peregrinação é compreendida como experiência de graça e esperança, sustentada pelo auxílio de Deus. Sua escrita é permeada de ação de graças, dirigindo-se sempre à comunidade das irmãs, às quais insiste que escreve por humildade e serviço: “Não é uma aversão sua ler as coisas mais indignas que escrevo” (*Itinerarium*, Prólogo⁷).

A espiritualidade da peregrinação em Egéria está vinculada ao conceito de “Igreja em caminho”, antecipando perspectivas que hoje são lidas à luz da sinodalidade. É nesse sentido que Baldovin (2018) destaca que, ao descrever a fé como movimento, Egéria propõe um gênero espiritual no qual a peregrinação é metáfora da esperança cristã e mostra que peregrinar é já celebrar a esperança: caminhar por lugares santos significa habitá-los com fé, memória e expectativa do cumprimento da promessa divina. Ao documentar ritos e celebrações litúrgicas em contextos reais e comunitários, ela demonstra que a liturgia é caminho vivo de fé, o mesmo horizonte que o Jubileu propõe hoje. Sua voz, escondida historicamente por razões de gênero sociocultural e eclesial, ganha relevo como testemunho de uma mulher que viveu e transmitiu liturgia com profundidade, oferecendo inspiração e esperança à sua “comunidade distante” e, agora, à nossa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS PARA ALIMENTAR A ESPERANÇA

A análise do *Itinerarium Egeriae* permite compreender que Egéria foi uma observadora privilegiada da liturgia que estava se desenvolvendo em

⁷ Tradução nossa a partir de MCCLURE; FELTOE (trad., s.d): *Non est fastidium vobis legere, quae ego indignissima scribo* (*Itinerarium*, Prólogo).

Jerusalém, ao mesmo tempo que assumiu o papel de uma verdadeira intérprete da espiritualidade cristã de seu tempo. Seu relato preservou um testemunho insubstituível da fé celebrada, vivida e partilhada na Igreja do século IV. A autora trouxe uma visão teológica e eclesial na qual a liturgia é, ao mesmo tempo, expressão da comunidade e caminho de formação espiritual. Nesse sentido, sua escrita ajuda a compreender, a partir da descrição de ritos, a manifestação de uma experiência de encontro, na qual a história da salvação se atualiza nos gestos, nas orações e nas assembleias do povo de Deus.

Egéria ofereceu também uma contribuição singular à presença feminina na tradição cristã. Juntamente com seu trabalho, sua voz, marcada por sensibilidade e discernimento, rompe o silêncio de séculos e evidencia que as mulheres não só participavam das celebrações, como também refletiam teologicamente sobre elas. Ela representa um dos primeiros testemunhos de autoria feminina na Igreja, capaz de unir observação litúrgica, linguagem pastoral e consciência comunitária. Sua escrita testemunhal, portanto, aponta para a conclusão de que a vida litúrgica é vocação de todo batizado, e não somente um privilégio clerical, como muitos podem pensar.

No horizonte contemporâneo, a história de Egéria encontra novo significado à luz do Jubileu da Esperança, tornando-se imagem de uma Igreja que caminha sustentada pela graça. Assim como a celebração jubilar convida a renovar a esperança mediante a reconciliação e o reencontro com Deus, a viagem de Egéria simboliza um itinerário espiritual que pode inspirar o povo cristão, à medida que sua experiência de peregrinação e de partilha litúrgica revela que a esperança cristã é caminho de comunhão, capaz de transformar o tempo e o espaço em lugares de encontro com o Mistério. Seja como obra literária, seja como prova concreta da existência de tal experiência peregrina, *O Itinerarium Egeriae* permanece atual e pode contribuir concretamente como fonte de espiritualidade jubilar. A leitura dessa obra desafia o leitor a redescobrir o sentido da liturgia como vivência

de fé e a reconhecer que, em cada celebração, o cristão é chamado a ser peregrino da esperança, caminhando rumo à plenitude do Reino de Deus.

NOTA DE TRANSPARÊNCIA SOBRE O USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL:

Parte do processo de elaboração deste trabalho utilizou o recurso da ferramenta Perplexity AI, com o objetivo de apoiar a busca e a padronização de referências bibliográficas, a revisão linguística e a organização textual. As decisões interpretativas, análises críticas, escolhas teóricas e redação final são de inteira responsabilidade da autora, que supervisionou e validou cada etapa do processo. Esta declaração segue as diretrizes de transparência recomendadas por instituições de ensino e pesquisa, em conformidade com princípios éticos de integridade acadêmica.

REFERÊNCIAS

BALDOVIN, John F. Egeria's Itinerary and the Development of Christian Liturgy. In: BRADSHAW, Paul F.; MCGOWAN, Anne (Org.). *The Pilgrimage of Egeria: A New Translation of the Itinerarium Egeriae*. Collegeville: Liturgical Press, 2018. p. xiii–xvii.

BIBLICAL ARCHAEOLOGY SOCIETY. *Text Treasures: The Pilgrimage of Egeria*. Biblical Archaeology Society Daily, 28 abr. 2025. Disponível em: <https://www.biblicalarchaeology.org/daily/ancient-cultures/ancient-rome/text-treasures-the-pilgrimage-of-egeria/>. Acesso em: 10 set. 2025.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. *Marcas do latim medieval na Peregrinatio Aetheriae – Alguns comentários*. Principia, Rio de Janeiro, n. 17, p. 77–86, dez. 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/principia/article/view/8295>. Acesso em: 5 set. 2025.

FRANCISCO. *Spes non confundit: Bula de proclamação do Jubileu Ordinário de 2025 - Jubileu da Esperança*. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2024. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/20240509_spes-non-confundit_bolla-giubileo2025.html. Acesso em: 11 out. 2025.

HUNT, Edward David. The Itinerary of Egeria: Reliving the Bible in Fourth-Century Palestine. *Studies in Church History* (Cambridge University Press), 2000 [online 2016]. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/studies-in-church->

history/article/itinerary-of-egeria-reliving-the-bible-in-fourthcentury-palestine/ED8B3D5454DC06EE6B0ACD59F86D057C>. Acesso em: 22 set. 2025.

JUGĂNARU, Andra. Ambiguous Views on Ascetic Women's Holy Travels in Late Antiquity. *The Medieval Worlds*, n. 13-14, 2021. Disponível em: <https://www.medievalworlds.net/0xc1aa5572%200x003d0814.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2025.

MARAVALL, Pierre. *Égeria*. Journal de voyage (Itinéraire). Paris: Cerf, 1982.

MCCLURE, Mary Louise; FELTOE, Charles Lett (trad. e org.). *Egeria: Diary of a Pilgrimage*. Christian Classics Ethereal Library, [s.d.]. Disponível em: <https://www.ccel.org/m/mcclure/etheria/etheria.html>>. Acesso em: 4 out. 2025.

OSSERVATORE ROMANO. *Egeria and the Other Holy Land Pilgrims*. Disponível em: <https://www.osservatoreromano.va/en/news/2022-03/dcm-003/egeria-and-the-other-br-holy-land-pilgrims.html>>. Acesso em: 9 out. 2025.

SCHOOL OF MARY. Holy Week and the Festivals at Easter according to Egeria. *School of Mary*, [s.d.]. Disponível em: <https://schoolofmary.org/holy-week-and-the-festivals-at-easter-according-to-egeria/>>. Acesso em: 05 set. 2025.